

NA LITERA

WILLY AURELI DESCOBRE E DESCREVE

O rio da solidão

AFONSO SCHMIDT

Há muitos anos, São Vicente não passava de uma cidade pobre e quieta, onde todos os habitantes se conheciam. Suas casas já tinham nascido velhas; pareciam do tempo dos Capitães-Mores. Os pontos mais concorridos eram a Biquinha, o cinema Anchieta, a Matriz, a estação de passageiros da "City" e os jogos de futebol na Praça 22 de Janeiro. Nos dias feriados, havia festa no "stand" do Bugre. E era só.

Entre as famílias de "calungas", ou vicentinos, havia uma que nos era particularmente simpática: a dos Aureli. Pai italiano, mãe aus-

os escritores que souberam transmitir ao público as suas vicissitudes em terras pouco conhecidas, ou mesmo desconhecidas de todo.

As suas entradas pelo mapa multiplicaram-se. Na incursão que fez ao Brasil Central, realizou o levantamento oro-hidro-topográfico da bacia pré-amazonica, enriquecendo assim a cartografia nacional, ainda incompleta nesse setor, onde havia lacunas. No ano seguinte, após memorável jornada, fixou nas cartas a Serra do Roncador, tão cheia de mistério como discutida.

o desejo de, brevemente, entrar em contacto com os índios Canoeiros, até agora tidos na conta de inabordáveis. Assim como, em 1937, foi dos primeiros a penetrar na terrível nação dos Xavantes, trazendo para o mundo civilizado preciosas revelações, cinematograficamente documentadas, em futuro próximo ele irá conhecer a revelar ao Brasil a vida íntima e social dos misteriosos Canoeiros. Será, como se pode calcular, uma jornada dura, ingada de perigos e, quiçá, o encerramento com chave de ouro de um ciclo de penetrações sertanistas que beneficiaram os estudiosos do mundo inteiro.

Nessa existência, Willy Aureli perdeu vários companheiros, entre os quais seu irmão Aurelio Aureli, que hoje se encontra enterrado numa ribanceira, à sombra de certa árvore hierática, em lugar assinalado por uma cruz, na margem harmoniosa do rio Araguaia. No movimento de 1932, o caçara sertanista foi sub-comandante de uma companhia nos campos do Sul, o que se encontra miudamente contado no livro "A Retirada de Macaça". Suas atividades durante esse período estão narradas em diversas obras pelos cronistas daqueles dias.

Seu gabinete de trabalho é um mundo. Ali nos foi mostrado o original de próximo livro a que ele deu o título de "Feras e monstros do sertão"; valerá por um compendio de zoologia, entremeado de episódios intensamente vividos pelo autor nos áditos selváticos do sertão, da terra do homem que se veste de penas, usa cocar e traz ao pescoço colares de pedrinhas coloridas. Nessa obra, o nosso viajante trata exaustivamente dos jaguarés, jacarés, grandes serpentes, arraias, tartarugas e outros habitantes da vasta região onde os bichos chegam de longe para verem essa coisa curiosa: o homem civilizado...

A heroica viagem arriscada por Willy Aureli em 1953 às vertentes do Rio da Solidão é o tema deste volume que o "Clube de Livro" está oferecendo aos seus leitores. Trata-se de narrativa singela e espontânea, relatando, numa reportagem romaneçada, as suas andanças pela selva, muito para lá dos pontos alcançados por outros viajantes. Ele conheceu o Brasil de que os livros não falam; a região que se segue ao ponto final dos ilustres roteiros.

Seu estilo é claro, útil, sugestivo. Em cada página, há uma surpresa. E o leitor, diante desse li-

vro, acompanha o capitão da "Bandeira Piratininga" nas pegadas das epopéias seiscentistas. No entanto, já não trata de apresar e escravizar a índia brava, descobrir as minas de ouro, de areias de diamantes. Seu material é diferente: leva consigo cadernos de notas, lápis bem apontados, discos de gramofone para colher a linguagem dos autoctones, camara cinematográfica para fixar seus usos e costumes, assim como a paisagem em que vivem, e uma fita métrica para as mensurações etnográficas daqueles quasi desconhecidos povos. E sementes. E remédios. E cartilhas de A B C, para alguns casos especiais. Até mesmo missangas para alertar a cobra dos morubixabas!

—0—

Willy Aureli, o dinâmico presidente da Associação Paulista de Imprensa, nasceu em Santos. Entrou no jornalismo em 1924, iniciando a sua carreira jornalística, no "Jornal da Noite" e na "Gazeta do Povo", daquela cidade. Em 1927, entrou para as "Folhas", de São Paulo, onde permaneceu até 1952. Foi diretor do matutino paulista "A Época". Posteriormente, serviu no jornal "O Tempo". Como reporter, sobressaiu-se, iniciando, em 1937, a sua caminhada pelo sertão, à testa da "Bandeira Piratininga", desbravando zonas totalmente virgens, trazendo à coletividade enorme soma de conhecimentos. Realizou, entre outras coisas, o levantamento oro-hidro-topográfico de toda a bacia pré-amazonica, enriquecendo, dessa forma, a cartografia nacional. Realizou oito penetrações na "jungle".

Publicou: "Opio, morfina e cocaína", reportagens, 1931; "Tragedia de Ekaterinenburg", reportagem, 1931; "Roncador", viagens, 1938; "Sertões bravios", viagens, 1940; "Léguas sem fim", viagens, 1942; "Bandeirantes do Oeste", viagens, 1946; "Dias sombrios", romance, 1952; "Terra sem Sombra", viagem, 1952; "Farrapos Humanos", romance, 1952; "Jess James Paulista", romance, 1956.

É membro da Sociedade Brasileira de Geografia do Rio de Janeiro; Sociedade Científica de S. Paulo; Sociedade Geográfica de S. Paulo; do Gabinete Literário de Mato Grosso; Associação de Imprensa de Honduras; Comendador da Ordem Imperatriz D. Leopoldina; Comandante da Bandeira Piratininga; ex-delegado do Serviço de Proteção aos Índios no Estado de São Paulo; Conselheiro do Departamento Estadual de Turismo e membro de diversas instituições culturais.



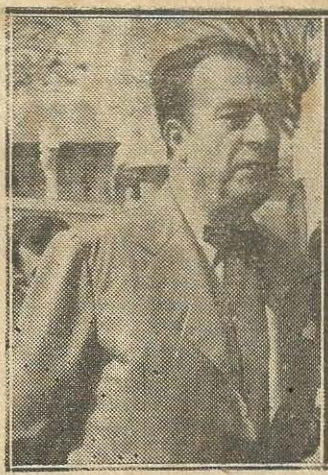
tríaca, filhos santistas. Estava-se na primeira Grande Guerra, quando Victor Emanuel e Francisco José se colocaram em campos opostos. Muita gente pensou que o casal se desviasse...

Mas na casa dos Aureli tudo continuou como dantes. Foi nesse tempo, ou logo depois, que o jovem Willy encontrou o seu destino. Conforme ele próprio conta no livro "Bandeirantes do Oeste", que

tanto êxito alcançou, "buscava ansiosamente em sua juventude emoções fortes pelas terras ainda pouco habitadas da imensa Praia Grande, ou nos cerrados, além da Ponte dos Barreiros". Tempos passados, escrevia nas "Folhas". Daí por diante, sua vida repartiu-se entre as excursões arriscadas e as reportagens cheias de interesse jornalístico. Como caçador, conheceu palmo a palmo a Serra de Cubatão; como homem de imprensa, publicou reportagens sensacionais, que lhe valeram dois prêmios então instituídos pela Secretaria da Segurança.

Animado pelos primeiros triunfos, meteu-se em 1937 pelo sertão, sertão de verdade, escrevendo depois obras que lhe grangeram popularidade, como "Roncador", "Sertões bravios", "Léguas sem fim", "Bandeirantes do Oeste" e "Terras sem sombra". Tornou-se um nome entre os viajantes que procuraram redescobrir o Brasil. Ao mesmo tempo, um nome entre

Não perdeu o tempo. Realizou colheitas glotológicas, mensurações antropológicas de varias tribos, coletas botânicas, estudos zoológicos de clima e de solo. A "Bandeira Piratininga", de que Willy Aureli foi fundador e comandante, realizou difícil circunavegação da ilha do Bananal, no rio Araguaia, em Goiás, a maior ilha fluvial do mundo. Esse gigantesco périplo realizou-se em 1945 a 1946 e mereceu



Willy Aureli

do Marechal Mariano Candido da Silva Rondon uma carta de aplauso em que o ilustre militar dizia: "Com o seu trabalho, transformou completamente a fisionomia topográfica de toda a região".

Willy Aureli encontrou os maiores e mais imprevisíveis obstáculos, quando tentou penetrar no Rio da Solidão, por ele descoberto em 1945. Ainda assim, teimou em percorrer-lo até às suas nascentes, por achar-lo de importância capital na imensa rede hidrográfica do alto de Mato Grosso. No entanto, só conseguiu alcançar os seus desgnios de 1952 a 1953. Esse belo feito, levado a cabo depois da descoberta das nascentes do Rio Liberdade, inutilmente tentado por outras expedições, resultou na obra "O Rio da Solidão", que está despertando a mais viva curiosidade entre os milhares de admiradores de Willy Aureli, o Jack London dos sertões brasileiros.

Oito vezes, partiu de São Paulo a "Bandeira Piratininga", rasgando novos horizontes na direção Oeste. Foi um belo serviço prestado àquela vasta região brasileira que, depois de conhecida, começa a povoar-se rapidamente. Há vinte anos, apenas, era uma sucessão de desertos, onde o mistério assustava mais do que a distância, os mosquitos, as feras, os índios e as endemias. O vicentino sertanista, como os desbravadores do passado, fundou povoados, plantou roças, abriu estradas e caminhos que hoje são percorridos pelos primeiros habitantes.

Não raro, para levar a efeito seus empreendimentos, Willy Aureli assumia compromissos pessoais que, de volta, satisfazia com os minguados proventos financeiros da empresa, dos livros que escrevia, dos documentários que eram exibidos em todos os cinemas do Brasil e, também, das suas conferências e palestras em institutos educacionais, em Escolas Normais e Colegios de muitos Estados, inclusive do Paraná e do Rio de Janeiro. Assim, tornou-se ele membro de diversas sociedades sábias entre as quais a Sociedade Geográfica Brasileira de São Paulo, o Instituto de Ciências de São Paulo, o Gabinete Literário de Mato Grosso e ainda outros que iríamos longe se fossemos nomear.

Mas Willy Aureli não deu por terminada a sua obra. Alimenta